

A educação não-formal escoteira dos Escoteiros do Brasil e sua relação com as teorias de aprendizagem.

Larissa dos Santos de Oliveira¹

Resumo

Este artigo busca relacionar as teorias de aprendizagem formal com as vivências não-formais do movimento escoteiro, integrando os conceitos de Skinner, Montessori, Vygotsky, Piaget e Freire, com as vivências do cotidiano escoteiro, adaptando a aplicabilidade de ferramentas naturalmente formais, em contextos não escolares, ou, não formais, como o Escotismo. Visa relacionar as ideias e fases de desenvolvimento compreendidas pelos teóricos com o cotidiano e método escoteiro praticado pelos Escoteiros do Brasil, buscando a construção de conhecimento teórico e prático de adultos voluntários responsáveis pela educação não-formal de jovens entre 6 e 21 anos em todo o mundo.

Palavras-chave: Educação; Escotismo; Teoria; Desenvolvimento.

Abstract

This article seeks to relate the formal learning theories with the non-formal experiences of the Scout movement, integrating the concepts of Skinner, Montessori, Vygotsky, Piaget, and Freire, with the daily experiences of the Scouts, adapting the applicability of naturally formal tools, in contexts non-school, or non-formal, such as Scouting. It aims to relate the ideas and stages of development understood by the theorists with the daily life and Scout method practiced by the Scouts of Brazil, seeking the construction of theoretical and practical knowledge of volunteer adults responsible for the non-formal education of young people between 6 and 21 years of age throughout the world.

Keywords: Education; Scouting; Theory; Development.

¹ Graduanda do curso de licenciatura em LETRAS com ênfase em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Escoteira há 16 anos, atualmente escotista do Ramo Lobinho e Coordenadora Interamericana da Rede de Jovens.

Introdução

O Movimento Escoteiro, é representado mundialmente pela WOSM (World Organization of the Scout Movement), foi fundado em 1907 pelo Lorde Inglês Robert Stephenson Smith Baden-Powell, que tinha como propósito ensinar os jovens por meio da aventura, do desafio, do convívio social e ao ar livre, habilidades necessárias para a vida. O Escotismo tem por objetivo formar líderes em suas comunidades locais, seres críticos e que fazem a diferença em seus ambientes de ação, os preparando para encarar os percalços da vida com alegria.

A aprendizagem é um processo cognitivo que envolve competências, habilidades e comportamentos que estão diretamente relacionados com as teorias da educação e com as diversas formas de aprender. A educação formal encontra a educação não-formal cotidianamente, principalmente no movimento escoteiro, um espaço não escolar. A educação não-formal corresponde a aquela que, com incidência de teorias educacionais, proporciona ao jovem uma aprendizagem protagonista, sendo ele o responsável por viver as experiências que lhes são oferecidas, valorizando a inteligência da criança que observa sem preconceito e não com indiferença, o tornando capaz de ver o invisível, como Maria Montessori crê.

A própria literatura aponta que Baden-Powell, ao longo do desenvolvimento do movimento que criou, estudou várias metodologias educacionais para aprimorar o potencial educativo do escotismo, por mais que nunca tenha escrito uma metodologia que as interrelacione, é possível encontrar diversas marcas em seus conceitos de trabalho.

Relacionar as teorias com as ferramentas de ensino utilizadas pelo movimento escoteiro é o principal objetivo deste artigo, permitindo assim que o sistema educativo de adultos voluntários seja cada vez mais eficaz e especializado.

O Método Educativo do Movimento Escoteiro:

O método educativo do movimento escoteiro é suportado por um sistema educacional originalmente autodidata, envolvendo e educando por meio do empoderamento e do aprendizado em equipe. Se relaciona profundamente com outros tantos métodos educacionais formais, pois compreende que sua ação é importante para o pleno desenvolvimento dos beneficiários.

Com diferentes ênfases e estratégias, o método educativo é suportado por elementos base, como: A promessa e a lei escoteira, Aprender fazendo, Atividades atraentes, progressivas e variadas e Desenvolvimento pessoal com orientação individual. Este, dentro dos Escoteiros do Brasil, é suportado pela Política Nacional de Programa Educativo, documento que descreve como devem ser desenvolvidos os princípios essenciais, afirmando que “*O Escotismo é um movimento educacional de jovens, que possui por fundamentos, um Propósito, um conjunto de Princípios e um Método, cujo principal objetivo é educar para a vida.*”²“

O “aprender fazendo” e a relação com o método de educação Montessoriano.

A psicologia Montessoriana se suporta na condição de que todo o ser é capaz de realizar suas ações sem interferência e por meio da observação, acredita também que toda a ajuda que não é necessária, se torna um empecilho do desenvolvimento da habilidade. Montessori rompeu paradigmas no que se trata de educação de crianças, pois quando começou seus estudos, estes eram tratados como seres incapazes, constantemente castigados e manipulados segundo a vontade dos adultos, a italiana foi a primeira a acreditar que suas potencialidades podiam ser desenvolvidas com independência e de forma ativa, envolvendo não apenas as crianças típicas, mas também as atípicas.

Segundo Maria Montessori, a educação não deve ser a principal fonte de transmissão de conhecimentos; é preciso que ela se oriente numa nova direção, que ela procure desenvolver as potencialidades humanas. [...] É aqui que começa uma nova orientação na qual não será mais o professor que ensina a criança, mas a criança que ensina em conjunto com o professor, transcrevendo este método em escotismo, pois “Não existe ensino que se compare ao exemplo.” (G. P. Putnam 's sons, 1920).

Desta forma, Maria Montessori exalta que a educação é baseada na “*liberdade de expressão*” pois é através dela que as crianças expressam seu conhecimento de mundo, seus desejos e dificuldades, movimento este que está diretamente ligado com as instâncias de tomada de decisões juvenis que o movimento escoteiro proporciona aos jovens, colocando-os como os protagonistas de suas escolhas,

aprendendo enquanto experimentam as atividades ao seu redor, conforme a sua capacidade de realização.

Esta forma de espírito é comumente denominada 'espírito absorvente'. É difícil de imaginar o poder de absorção do espírito da criança. Tudo que a rodeia penetra nela: costumes, hábitos, religião. Ela aprende um idioma com todas as perfeições ou deficiências que encontra ao redor de si. Sem mesmo ir à escola (MONTESSORI, 1965, p. 58)

Apesar do papel do adulto ser apresentar às crianças diferentes objetos e espaços de aprendizagem, “a atividade da criança há de ser impulsionada pelo seu próprio eu, e não pela vontade da mestra”, a criança nem sempre responde ao estímulo da forma que o adulto prevê, e é de extrema importância que o movimento de frustração da expectativa não atinja a criança, que é responsável apenas por si mesma, e que também não seja manipulada pelo adulto a corresponder a sua vontade.

Os planos de desenvolvimento Montessoriano e a aplicação do adulto no Escotismo.

O ser, no método Montessori, é analisado em quatro planos de desenvolvimento, divididos em faixas etárias, encontrando o escotismo a partir da segunda, no qual o plano compreende crianças entre os 6 e os 12 anos de idade, o início da vida no ramo lobinho, dos Escoteiros do Brasil, até o primeiro ano na tropa escoteira.

Nesta etapa, as indagações e dilemas morais aparecem de maneira mais frequente, desenvolvendo os processos de convivência em grupos sociais pré-estabelecidos, como a escola, a família, ou a alcateia. Os adultos não devem, de forma alguma, resolver, ou interferir na resolução de seus problemas, dadas as devidas exceções, bem como nenhuma fala deve ser diminuída, causando o sentimento de impotência, ou de não ter importância.

O trabalho do adulto, nesta fase, é proporcionar ferramentas que auxiliem a compreensão e permitam a livre reflexão da situação-problema enfrentada, seja por meio de perguntas em ambientes hipotéticos, relacionando com histórias que suportem os comportamentos esperados, incentivando o diálogo aberto, sem a necessidade de conclusão, e claro, dando tempo ao tempo, nenhuma criança é capaz de perdoar por meio de um abraço forçado, ao fazer isso, ela apenas cumpre

a expectativa do adulto de solucionar um problema que não foi verdadeiramente solucionado, criando uma tensão ainda maior entre as partes envolvidas.

O terceiro plano de desenvolvimento compreende os jovens entre 12 e 18 anos, no período hormonal mais turbulento do ser humano, desenvolver suas capacidades com plenitude é baseado em convivência social entre os iguais, pertencer a uma tribo, ou patrulha, em que ele esteja identificado com os outros, é crucial. Proporcionar momento de tomada de decisão, ou soluções de problemas entre os jovens significa estar socialmente independente, sem a pressão da expectativa, compreendendo voluntariamente o seu papel nos meios que está inserido. Neste cenário, o adulto atua como um observador, estimulando os comportamentos por meio de recompensas, como distintivos, troféus, reconhecimentos que funcionam como um reforço da importância da ação. É aqui onde o escotismo encontra um segundo teórico, Burrhus Frederic Skinner, o pai da teoria do reforço.

A teoria socio-interacionista de Lev Vygotsky, a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget e a aplicação no Escotismo.

Lev Vygotsky foi o primeiro teórico do mundo a analisar as interações sociais das crianças como um ambiente de educação e desenvolvimento cognitivo das capacidades, sem a perspectiva da escola formal dos anos 1900. Essa análise o levou a constatação principal da sua tese, a de que para gerar novas experiências e ideias é necessário que, ao menos, duas pessoas se relacionem ativamente.

No jogo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, no brincar é como se ela fosse maior do que na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brincar contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento (VYGOTSKY, 1999, p. 134-135).

Ao relacionarmos o ponto chave da teoria com uma das principais propostas do movimento escoteiro, de viver uma aventura em equipe, enxergamos possibilidades infinitas para a sua aplicação prática.

O jovem, ao ingressar em uma matilha, patrulha, ou clã, precisa estar confortável, o próprio convívio entre os iguais já é desafiador a cada etapa do desenvolvimento que passamos pela vida, não é necessário que estes dilemas e diferenças sejam estimulados por meio de uma convivência conturbada quando em equipe. Não

devemos incentivar que os jovens sejam condicionados a conviver em uma mesma equipe que alguém que não lhe agrada, ou que o incomoda, o escotismo tem como lema deixar o mundo um lugar melhor do que encontramos, e só somos capazes de fazê-lo quando estamos em paz com nosso próprio ser, o como aprender a viver em paz e superar as diferenças, será aprendido pelas situações encontradas no meio de convívio social, independente da proximidade.

Para Vygotsky, a aprendizagem ocorre em dois níveis de desenvolvimento, o Nível de desenvolvimento potencial, que são as atividades que a criança não consegue realizar sozinha mas que, com a orientação adequada ela será capaz de reproduzir, e o Nível de desenvolvimento real, onde a criança consegue resolver suas atividades sozinha, que indica que ela já completou ciclos de aprendizagem anteriores, lembrando sempre que para um melhor desenvolvimento, devemos incentivar a autonomia, porém estarmos presentes e preparados para orientá-los da melhor forma possível.

Jean Piaget viveu durante um mesmo período histórico que Vygotsky, e normalmente suas teorias são estudadas em conjunto nas áreas de psicologia e educação, Piaget dizia que “a infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano”, e desenvolve a sua teoria baseada em 4 estágios de desenvolvimento, o Estágio sensório-motor, que ocorre dos 0 aos 2 anos, o Estágio pré-operacional, entre os 2 e os 7 anos, o Estágio das operações concretas, dos 7 aos 11 anos e o Estágio das operações formais, entre os 11 anos e os 14 anos.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe (PIAGET, 1982, p. 246).

Vêmos sua aplicação no escotismo a partir da terceira fase, a de *operações concretas*, onde suas capacidades cognitivas estão relacionadas a solução de problemas, o objeto concreto começa a ter mais importância e o abstrato se torna mais real, é aqui onde as histórias se encontram com o mundo, possibilitando que os jovens se coloquem como agentes principais, e não apenas ouvintes de um enredo. No ramo lobinho, seção diretamente impactada por essa fase, ao colocarmos as histórias do livro da selva como base de todas as relações e explicação para quase todas as coisas, os jovens são capazes de entender que, naquele mundo fictício,

também se resolvem problemas da vida real, de forma menos abstrata, um bom exemplo é de que o respeito às regras não é importante apenas por ser uma virtude necessária, mas também porque Mogli teve que ser socorrido por Kaa na história “As caçadas de Kaa” devido a sua desobediência, a lição moral tem um espelho no mundo real e imaginário.

Já no Estágio das operações formais, Piaget crê que a autonomia seja a chave para a finalização das capacidades básicas, é onde a individualidade aparece, as possibilidades de mundo se tornam reais e o jovem se vê como responsável por si e por suas ações, neste estágio o jovem entre 11 e 14 anos está na Tropa Escoteira, aprendendo a viver com sua patrulha, dividindo encargos e encarando responsabilidades que antes não eram claras, seja na alcateia ou em outros ambientes sociais. Por isso é tão importante o desenvolvimento do eu no ramo escoteiro, ensiná-lo com paciência e entusiasmo, durante todo o período, a como realizar as ações, como pensar corretamente e como enxergar o mundo de uma perspectiva puramente escoteira, buscando ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião.

O Método Paulo Freire e suas relações com os processos de tomada de decisão do movimento escoteiro.

O maior teórico educacional brasileiro, Paulo Freire, viveu entre 1921 e 1997 e é responsável pela fomentação da educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil, ele defendia um tipo de educação consciente e crítica com a atualidade. Seu método foi desenvolvido em 1960 e leva seu nome, “Método Paulo Freire”, enxergando na educação um ato criador, que proporciona autonomia, consciência crítica e discernimento para a tomada de decisão.

Em 1986 publicou o livro *Medo e Ousadia – O cotidiano do professor*, onde compartilhou suas experiências e dificuldades disse que “não entendia nada por causa da minha fome. Eu não era burro. Não foi falta de interesse. Minha condição social não me permitia ter educação. A experiência me mostrou mais uma vez a relação entre classe social e conhecimento.” Distanciar a importância de uma vida justa e digna da realidade brasileira, e o impacto que o movimento escoteiro pode ter nas comunidades mais à margem da sociedade, é ignorar completamente a realidade que vivemos e nosso impacto na vida de um jovem.

Freire acabou iniciando uma *filosofia* da educação, que contempla uma pedagogia voltada à prática e à ação transformadora, o total oposto do ensino formal, demonstrando que “a neutralidade é impossível no ato educativo(...) lavar as mãos do conflito entre os poderosos e os impotentes significa ficar do lado dos poderosos, não ser neutro. O educador tem o dever de não ser neutro”. O desejo de criar cidadãos críticos e socialmente responsáveis é um objetivo comum entre sua teoria e o método escoteiro, ele também enxergou nos movimentos sociais um lugar onde aplicar teoria à prática. Para ele, a leitura do mundo precede a leitura de letras e da palavra. Ou seja, propunha o trabalho educativo na perspectiva da consciência social, de qual papel desempenhamos socialmente, tendo consciência de suas ações e de seu impacto na comunidade.

Pensar no desenvolvimento de competência para além do letramento, na escola, ou para além das técnicas escoteiras, no escotismo, é um movimento de construção de cidadania ativa, oferecendo aos jovens, e a sociedade como um todo, a possibilidade de pensar em equidade, justiça, direitos e sustentabilidade como algo tangível, e não como uma responsabilidade de terceiros.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.(FREIRE, 2000, p.67) e ainda vai além: Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo(FREIRE 1979, p.84).

Os processos democráticos de tomada de decisão, e do desempenho individual da democracia são incentivadas por ambos como uma ferramenta de extrema importância, nas quais se superam diversas formas de opressão, a democracia é uma ferramenta de aprendizagem para além do ganhar ou perder, da injustiça ou justiça, mas principalmente para a concepção das consequências das decisões que tomamos, afinal “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”

Em todos os ramos do escotismo possuímos ambientes e ferramentas que favorecem e incentivam a tomada de decisões democrática e livre, sendo desenvolvidas conforme as capacidades dos jovens que ali estão inseridos.

Na alcateia, este processo é encontrado na *Roca de Conselho*, espaço onde todos os lobinhos de uma alcateia, em conjunto, votam e decidem sobre seu cotidiano, atividades, e demais temas pertinentes para o pleno desenvolvimento do ramo,

neste espaço os adultos são responsáveis por observar suas discussões, sem influenciar em suas teses e ideias, cabe aos adultos levá-los a pensar sobre suas decisões por meio de questionamentos, apresentando uma realidade mais tangível. Já nos Ramos Escoteiro e Sênior, este processo é dividido em 3 grandes, no *conselho de patrulha* os jovens devem tomar as decisões e entrar em consenso dentro de seu “núcleo”, propondo ações com base nas necessidades da sua patrulha, além de eleger seu representante, chamado de *monitor*, ao chegarem na assembleia de tropa, os jovens são levados a refletir além de sua perspectiva, tomando em conta como as atividades impactam diretamente outras realidades, encaminhando algumas decisões importantes, e previstas, para a *corte de honra*, espaço em que os eleitos por seus iguais são responsáveis por exercerem seus papéis de representantes de opinião e tomarem as decisões com base no que foi vivido nas etapas anteriores.

Da mesma forma que na alcateia, o adulto não deve influenciar, de maneira alguma, o processo de concepção de ideias e tomada de decisão, aliás, recomenda-se que em algumas instâncias, o adulto não esteja presente no mesmo ambiente, apenas exercendo o “poder do veto” em casos em que a segurança do jovem esteja em risco, seja ela física, moral ou qualquer.

Ao olharmos para o Clã Pioneiro, vemos a estrutura de COMAD (Comissão Administrativa do Clã Pioneiro), sendo composta obrigatoriamente por 3 diretores, 1 presidente, 1 financeiro e 1 administrativo, podendo criar quantos outros cargos acharem necessários, e tendo seu processo de tomada de decisão vinculados a ela, e ao conselho de clã, espaço em que todos os jovens do ramo expõem suas opiniões. Mais uma vez, este espaço é de decisão juvenil, não devendo ser tomado, ou influenciado, pelos adultos vinculados.

Incentivar a correta aplicação dos processos de tomada de decisão, e garantindo que sejam idôneos e seguros, é ensinar na prática o exercício da cidadania e como a democracia deveria ser aplicada politicamente, aprender fazendo para garantir que seus direitos sejam garantidos em todos os espaços que lhe cabem. Ao ser um adulto responsável, e que respeita os processos e decisões dos jovens, sem subjugar sua capacidade, temos a possibilidade de ver o método escoteiro funcionando em sua forma mais pura.

Considerações finais.

Ao compreendermos a importância de saber sobre os processos educativos dos jovens, e o que é previsto em nossa própria existência, por meio de pontos de vista e teorias distintas, adquirimos a capacidade de olhar para os jovens de maneira mais carinhosa com a sua realidade, realmente entendendo o que se passa em sua vida e qual é o papel do adulto durante aquela etapa de desenvolvimento.

A atualização de um programa educativo nos escoteiros do Brasil é necessária e deve seguir não apenas os princípios relacionamos ao escotismo, mas também a educação de crianças e jovens, buscando ensiná-los a como viver em sociedade, aprimorando as capacidades adquiridas no meio formal, em um ambiente não-formal.

Ser educador é ser alguém responsável pelo processo educativo de um ser que está no auge de seu desenvolvimento, o que lhe é ensinado, será levado para o resto de sua vida e impactará diretamente no seu futuro. Educador é além de ser graduado em educação, é ser agente de transformação, e ser um adulto voluntário responsável por tal tarefa, é desafiador, portanto, urge a necessidade de que sejam formadas cada vez mais pessoas capazes de educar seres que são responsáveis pelo nosso futuro, e presente, como sociedade ativa.

Referências

POWELL, Baden. **A educação pelo amor substituindo a educação pelo temor**. Revista Jamboree, jan. de 1923. Reedição 1986.

_____. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição comemorativa ao centenário do Escotismo - 1ª edição 1908).

_____. **Lições da Escola da Vida**: autobiografia de Baden Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1985.

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire: uma história de vida**. Indaiatuba. São Paulo. Villa das Letras, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra. 71ª edição, 2019. 256pp.

CASTORINA, J. A. **O debate Piaget-Vygotsky**: a busca de um critério para sua avaliação.

CASTORINA, J. A. et al. **Piaget-Vygotsky**: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 1997.

RUSSO, Angélica. **Teóricos da educação**. Fortaleza: edições livro técnico, 2004. 100p